

which the anti-Semitic feeling of the Portuguese clearly appears» (p.115) Esta produção continuaria inalterada até aos primeiros sopros das Luzes que, pelo menos, teriam minorado esta tendência. Para Feitler esta literatura, associada à atividade inquisitorial, permitiu a manutenção do prejuízo e do ódio social, servindo como um claro veículo de propaganda. Por fim, o autor apresenta uma última reflexão, com a qual conclui o livro, que pode servir como desafio para futuras investigações sobre a sociedade portuguesa da Época Moderna: «On the other hand, this literary production served as a mirror for the same society. The reiterated self-affirmation of a very pure Catholicism, such as those decrees which tried to create a law that was never respected, show not only the ideal their authors desired, but how far it was from reality» (p. 120).

Para além do já mencionado anexo iconográfico, o autor apresenta ainda a transcrição do sermão pregado no auto-da-fé de 5 de maio de 1624 em Lisboa, publicado por Geraldo Vinha. Pregado pelo dominicano António de Sousa, é, segundo o autor, «a good example of the rhetoric and the *topoi* used in this type of publication» (p. 130).

SCHEBESTA, Paul

*Portugal: a Missão da Conquista no Sudoeste de África.
História das Missões da Zambézia e do Reino do Monomotapa (1560-1920)*

Lisboa: Missionários do Verbo Divino, 2011, 510 p. ISBN: 978-989-97552-0-8

HUGO GONÇALVES DORES

CEHR/UCP e CES/UC

Esta obra do missionário verbita Paul Schebesta (1887-1967) sobre a atividade missionária cristã em Moçambique é a tradução portuguesa do seu *Portugals Konquistamission in Südost-Afrika*, publicado em língua alemã, em 1966. Ora, este lapso temporal de mais de quarenta anos, entre a publicação da obra original e a sua tradução em português, constitui o principal desafio desta recensão, que parece exigir mais um enquadramento historiográfico deste estudo no período em que foi inicialmente publicado, do que a análise crítica inerente a uma qualquer recensão.

Por diferentes ordens de razão, o trabalho de Schebesta está mais próximo dos incontornáveis contributos para a historiografia portuguesa sobre missões elaborados entre as décadas de 1950 e 1970 por reconhecidos autores do tema, como António da Silva Rego (a quem Schebesta elogia o trabalho de publicação de fontes sobre a expansão portuguesa), António Brásio ou Félix Lopes, do que dos mais recentes estudos sobre missões, não obstante a sua recente publicação. Tal como estes autores, também Schebesta esteve ligado ao labor missionário, tendo sido chefe de uma missão da Sociedade do Verbo Divino, em Moçambique no início da década de 1910. Juntamente com outros membros da congregação religiosa católica, Schebesta foi um dos muitos missionários cristãos presos pelas

autoridades dos países beligerantes na Primeira Guerra Mundial. Detido na sua missão de Chupanga (Zambézia), seria enviado para Portugal, onde cumpriu pena até ao final da guerra. A detenção de missionários foi uma constante em todo o espaço imperial europeu e, em reação, viria a promover, no pós-guerra, um significativo esforço de colaboração inter-confessional cristã e de defesa da supranacionalidade do trabalho missionário. Depois do fim do conflito, Schebesta e outros correligionários tentariam junto do Governo português o regresso dos missionários às suas antigas missões, sem qualquer sucesso, apesar das regras previstas no Direito internacional saído da Conferência de Paz de Paris (1919).

O estudo da “história da Missão da Zambézia e do Monomotapa” (11) foi sugerido a Schebesta no contexto do cinquentenário da entrada da Sociedade do Verbo Divino em Moçambique, em 1911, mas curiosamente a obra só seria publicada em 1966, quando passavam os cinquenta anos da sua expulsão dos territórios da África Oriental Portuguesa. Recuperando novamente o espírito comemorativista, a publicação de *A Missão da Conquista* em português, em 2011, enquadrou-se no contexto do centenário da chegada dos primeiros verbitas a um território dominado pelos portugueses e, *in latu sensu*, marcando a entrada da congregação no país.

Aproveitando a sugestão dada, Schebesta aborda a presença missionária cristã portuguesa na região da Zambézia a partir dos primeiros contactos, no século XVI, ultrapassando o período da curta estadia dos verbitas em Moçambique (1911-1916). A obra parte do conceito de “missão da Conquista”, que o autor usa para “realçar a particularidade da atividade missionária portuguesa” (11). A ideia do particularismo da experiência missionária portuguesa não era inovadora e estava presente nas teses dos principais historiadores portugueses da missão, como Silva Rego. Segundo Schebesta, a missão fazia parte do “sistema da Conquista” – aqui entendida como a expansão no período moderno – que não era comparável ao “moderno colonialismo”, enquanto a atividade missionária não se “identifica” com as das missões da Propaganda Fide (12). Importa frisar que a determinada altura o autor refere que o Padroado deveria ser entendido como “prova de benevolência da Santa Sé” para com Portugal, mesmo que linhas antes tivesse afirmado que não interessava saber se o Padroado deveria ser “considerado privilégio ou obrigação jurídica” (28).

Schebesta dividiu o trabalho em três partes. A primeira abrange o período inicial da presença missionária cristã, de 1560 a 1830, focando a presença de jesuítas e dominicanos e as primeiras tentativas de constituição de uma cristandade no território, e o relacionamento entre os poderes autóctones e aqueles que representavam a autoridade portuguesa ou que eram vistos como tal. A segunda parte ocupa-se do período que vai do final do século XIX às décadas seguintes à prisão dos verbitas, narrando o regresso dos jesuítas, sob patrocínio dos governos portugueses, em 1881, o período republicano e o processo de expulsão da Companhia de Jesus e a chegada da Sociedade do Verbo Divino. A terceira, e última parte, sai da exposição historiográfica e procura ser, nas palavras do autor, “uma tentativa de tornar compreensível, e interpretar o destino cheio de vicissitudes da Missão do Zambeze e seu fracasso final” (13). A necessidade de perceber os motivos que haviam levado consecutivamente ao falhanço da evangelização católica em Moçambique, ao longo dos séculos, não pode ser separada das preocupações coetâneas da missiologia católica na segunda metade do século XX, no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, da descolonização e do Con-

cílio Vaticano II. Logo no início da *Apresentação* à tradução portuguesa, o superior provincial dos verbitas em Portugal afirma que Schebesta “estava já em sintonia com o pensamento” do Concílio, sendo nessa perspectiva que o autor “lê a história da missão da Zambézia” (5).

Para elaborar o seu estudo, Schebesta teve acesso a uma larga variedade de fontes documentais, nomeadamente, a documentação existente em fundos do Estado austríaco (Österreichisches Staats-Archiv) ou do Generalato dos Missionários do Verbo Divino (Archiv des Generalates der SVD), determinantes para o entendimento do período em torno da saída dos Jesuítas e a sua substituição pela Sociedade do Verbo Divino, a partir de 1911. O acesso aos arquivos germânicos, dificilmente acedidos por um grupo diversificado de historiadores portugueses, por causa dos documentos escritos em alemão, constitui uma das principais vantagens da publicação traduzida desta obra, permitindo-nos um vislumbre a partir de um observatório pouco explorado. De certo modo, o recurso a estes arquivos compensa, em parte, a inexistência de quaisquer referências a dois importantes arquivos para o estudo da atividade missionária católica: o Arquivo Secreto do Vaticano e o Arquivo da Propaganda Fide. Tenha sido por opção científica ou por impossibilidade de deslocar-se a Roma para consultar estes fundos, Schebesta seguiu uma tendência que ainda hoje persiste numa certa historiografia portuguesa sobre estudos religiosos, nomeadamente no que à Propaganda Fide diz respeito, optando por deixar de lado os seus riquíssimos fundos documentais. É evidente que, à data da publicação original (1966), os arquivos da Santa Sé só estavam disponíveis até ao pontificado de Gregório XVI (1831-1846), tendo o período de Pio IX ficado acessível nesse ano de 1966. De qualquer forma, parte significativa da obra abrange o período que vai até meados do século XIX, e a documentação dessas épocas estava já acessível aos estudiosos.

Aproximando-se dos estudos feitos por alguns dos seus contemporâneos, como acima se referiu, o livro de Schebesta vem contribuir para um indispensável aprofundamento do estudo da história das missões cristãs no espaço imperial (português ou, numa perspectiva mais abrangente, europeu) e, não obstante quaisquer críticas ao rigor científico ou à existência de uma determinada agenda nas intenções do autor, por exemplo na necessidade de analisar as razões dos constantes fracassos da missionação cristã na Zambézia ao longo dos séculos, não se pode deixar de olhar para este trabalho como um referencial para a história das missões cristãs em Moçambique e em Portugal. Além disso, como a segunda parte do livro deixa claro, não é possível estudar a questão missionária no império português contemporâneo sem um devido enquadramento que rompa com as fronteiras do nacional (geográficas e historiográficas). A centralidade do papel da Santa Sé na estruturação da missão, perfeitamente visível na discussão sobre a expulsão dos jesuítas e a sua substituição pelos verbitas, ou o papel das dinâmicas interimperiais africanas do final de Oitocentos e inícios de Novecentos, nomeadamente na atitude germânica perante a posição republicana face aos jesuítas e a importância de convenções internacionais como os Actos Gerais de Berlim (1885) e Bruxelas (1890), são fundamentais para perceber que a missão não foi apenas um fenómeno religioso de transmissão de um conjunto de preceitos de crença e fé, fez também parte do processo histórico que constituiu a presença europeia em África.